

VIVEIRISMO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL EM ASSENTAMENTO DA REFORMA AGRÁRIA NO RS

Coordenador: JORGE ALBERTO QUILLFELDT

Autor: HENRIQUE FAGUAGA CASANOVA

Co-autores: Sara Stumpf Mitchell, Eduardo Luís Ruppenthal; Gustavo Ayres; Moisés da Luz; Paulo Fabiano dos Santos, Thaís Michel, Viviane Camejo Pereira. É comum que os assentamentos de Reforma Agrária no Rio Grande do Sul, sabidamente frutos das pressões do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), tenham seu desenvolvimento econômico associado à cooperação e à organização coletiva entre os assentados. Os símbolos dessa organização coletiva são a produção cooperativada de produtos e a disposição centralizada das residências dentro dos assentamentos, que podem se concentrar num local estratégico da área, mantendo todo o resto do local destinado à produção rural coletiva. Tal modelo de assentamento pode ser visto, por exemplo, nos assentamentos Capela e 31 de Maio, localizados em Nova Santa Rita e Charqueadas, respectivamente, e tem significado desenvolvimento para as famílias que residem nesses locais. O assentamento de reforma agrária Herdeiros de Oziel Alves (oficialmente registrado no INCRA como Gênio Guedes da Silveira), localizado em São Jerônimo, é o local que tem concentrado as atividades do Grupo de Apoio à Reforma Agrária (GARRA), que existe desde 2005 e, a partir de 2007, passou a desenvolver Ações de Extensão da UFRGS. Este assentamento, que pode ser descrito como recente (possui apenas quatro anos), não apresenta as características de produção cooperativada e foi estruturado com a demarcação precisa de cada lote, de modo que as famílias não moram num ambiente coletivo, mas tem suas casas construídas cada uma em seus próprios domínios, devidamente demarcados e separados por cercas. O assentamento é dividido em 59 lotes. Cada um deles possui, em média, 13 hectares de área. A organização dos agricultores deste assentamento consiste na formação de núcleos internos. Os 59 lotes agrupam-se em sete núcleos, com os critérios de localização espacial e também de afinidade entre as famílias. Cada núcleo conta com um coordenador, que irá representar o interesse dos integrantes do seu núcleo nas Reuniões de Coordenação, que ocorrem todo o sábado na sede do assentamento. As famílias que residem no assentamento em questão, já que não estão organizadas coletivamente para a produção agrícola, buscam desenvolver atividades de subsistência como o cultivo de hortas (que geralmente produzem pouco ou nenhum excedente) e a criação de animais em pequena escala, com destaque para os suínos e

as aves (galinha, ganso, etc). Quase todas as famílias, por exemplo, possuem um porco ou mais, tendo em vista o consumo da casa, mas sem gerar excedentes que possibilitem a comercialização da carne. Algumas famílias possuem também gado, mas em quantidade sempre pequena, e seu aproveitamento costuma ser para o consumo de carne da casa e para a produção de leite em pequena escala. Atualmente, apenas um número reduzido de famílias do assentamento consegue comercializar excedentes de leite bovino. Limitadas pela falta de recursos financeiros e pela dificuldade de acesso a financiamentos, as famílias encontram-se em numa situação econômica que pode ser descrita como precária, em boa parte dos casos. Embora alguns assentados, por razões diversas, consigam desenvolver diferentes produções, como pequenas plantações de arroz, mandioca e melancia e, até mesmo, a piscicultura, a maioria das famílias tem dificuldades de encontrar alternativas de renda. Nas palavras de um dos agricultores, que há muito custo consegue produzir leite suficiente para a confecção de dois queijos por dia (cada um vendidos a 10 reais), muitas famílias estão "pela hora da morte". É neste contexto que está inserida a Ação de Extensão desenvolvida pelo GARRA em 2009, com foco no viveirismo. A demanda do assentamento por mudas vegetais surgiu em reuniões entre os assentados e os integrantes do GARRA, e foi motivada também em função de obrigações legais referentes a criação e manutenção de Áreas de Preservação Permanente (APP), que iriam proteger as margens dos açudes do assentamento através do plantio de espécies nativas nestas áreas. Tal demanda gerou um dos Projeto de Extensão de 2009 do GARRA junto à UFRGS, intitulado VIVEIROS 2009: RECUPERAÇÃO DAS APPS E ESTABELECIMENTO DAS ÁREAS DE RESERVA LEGAL EM ASSENTAMENTO DA REFORMA AGRÁRIA, projeto que conta com dois bolsistas. A perspectiva do viveirismo para a preservação das APPs se modificou, ao longo do primeiro semestre do ano, em função de dois fatores fundamentais: por um lado a FEPAM, órgão fiscalizador das questões de RLs e APPs, flexibilizou sua postura frente ao assentamento, colocando inclusive que as áreas de APP podem ser utilizadas com finalidade produtiva, desde que não sejam atividades de potencial degradador do ambiente. As áreas não precisarão ser cercadas e podem ser utilizadas para, por exemplo, o cultivo de pastagem. Por outro lado, as demandas urgentes dos agricultores assentados dizem respeito à sua digna subsistência, à sua qualidade de vida e à necessidade de encontrar alternativas de renda. Outro fator norteador das atividades de viveirismo do GARRA em 2009 no assentamento é a grande escassez de espécies arbóreas, sejam frutíferas ou não. Isto ocorre porque, historicamente, a área se destinava a plantações de arroz e à pecuária, de modo que quase não havia diversidade arbórea no local quando da chegada dos assentados, quatro anos atrás. Considerando este quadro e ouvindo

também o interesse das famílias assentadas, o GARRA decidiu por trabalhar o viveirismo em diferentes frentes, produzindo mudas arbóreas não apenas com a intenção de restaurar a biodiversidade local, mas também de melhorar a qualidade de vida dos agricultores e oferecer-lhes alternativas produtivas. Até o momento, foi iniciada a construção de três viveiros no assentamento neste ano, em locais escolhidos pelos próprios assentados, envolvendo diversas famílias. Os mutirões de construção acontecem com o trabalho conjunto entre assentados e membros do GARRA. Já foi decidido, junto aos assentados, que os viveiros irão gerar mudas de espécies nativas, com vista na biodiversidade local, mas também serão geradas mudas arbóreas exóticas para a produção de pomares de frutas. Estes pomares servirão tanto para o consumo interno do assentamento como para a produção de excedentes para comercialização e as espécies frutíferas estão sendo escolhidas ouvindo o interesse das famílias. Além dos pomares, as mudas podem produzir também madeira, propiciar a construção de quintais com plantas medicinais e hortas com hortaliças. Considerando todos estes objetivos, o GARRA está comprometido também em que pelo menos 50% de todas as mudas produzidas nos viveiros sejam de espécies nativas, independente do uso para o qual irão se prestar. Os 3 viveiros construídos no assentamento tiveram sua localização escolhida pelas famílias agricultoras. Após a decisão do local, grupos de trabalho envolvendo os assentados e os integrantes do GARRA trabalharam na limpeza e capinagem da área, bem como na correta delimitação do espaço e também na instalação da estrutura, composta por moeirões, outras estruturas em madeira e sombrite. Foram também escavados os canteiros e o projeto encontra-se atualmente na fase do plantio. O projeto irá também formar, dentre os assentados, agentes capacitados a dar continuidade à atividade de viveirismo no local, através de cursos. Ações de educação ambiental e oficinas que divulguem conhecimentos relevantes para os agricultores, como a agroindústria alimentícia, também estão programadas.